

## ASPECTOS DA ESTRUTURA SINTÁCTICA DE PARTICIPIAIS DITAS ABSOLUTIVAS E DE PREDICADOS SECUNDÁRIOS\*

ANA LÚCIA SANTOS  
(IEC-Universidade do Minho)

### 1. Objectivos

Este trabalho parte da necessidade de estabelecer os limites daquilo que pode e deve ser considerado uma *construção de participio absoluto*. Na verdade, há unanimidade, na literatura, quanto ao estatuto de participio absoluto a ser atribuído a participiais adjuntas com um argumento interno realizado, como é o caso em (1) (a participial encontra-se em itálico). Já no que diz respeito a participiais adjuntas sem argumento interno realizado (cf. 2), a mesma unanimidade não se verifica – Hernanz (1991), de Miguel (1992) e Marín Gálvez (1996), ao contrário da maioria dos autores, excluem este tipo de construções do universo das construções de participio absoluto<sup>1</sup>.

(1) *Vencido o inimigo*, começou a festa.

(2) *Vencido*, o inimigo aceitou as condições impostas pelo exército vencedor.

Este trabalho tem por objectivo avaliar a hipótese de distinção dos dois tipos de participiais já referidos (com e sem DP argumental realizado). Para isso, acrescentar-se-ão factos aos já apontados na literatura e avaliar-se-á a hipótese de análise das participiais sem argumento interno realizado como estruturas ambíguas sintáctica e semanticamente. Em particular, avaliar-se-á a proximidade entre o comportamento de predicados secundários e de certas participiais sem DP argumental realizado, sendo ainda objectivo deste trabalho mostrar que muitas das participiais sem DP argumental realizado que são tomadas como participios absolutos são afinal predicados secundários.

## 2. Algumas propriedades que distinguem as participiais sem DP argumental realizado das participiais com DP argumental realizado

Algumas propriedades sintáticas e semânticas podem estabelecer uma primeira distinção entre os dois tipos de participiais considerados. Foi já notado por Marín Gálvez (1996) que, ao contrário do que acontece com as participiais com DP argumental realizado, é possível que um estado lexical seja o núcleo de uma participial sem DP realizado. Os dados abaixo comprovam-no, dando conta de uma primeira diferença entre os dois tipos de construção:

- (3) Amada, a Maria sentiu-se feliz.
- (4) ??Amada a Maria, o João sentiu-se feliz.
- (5) Madonna, amada por el torero, era feliz. [Marín 1996: 12]
- (6) \*Amada la mujer, ... [Marín 1996: 12]

Deve notar-se também que a ocorrência de negação só é possível nas participiais sem DP argumental realizado:

- (7) Não revistos, os questionários não podem ser arquivados.
- (8) ??Não revistos os trabalhos, não foi possível avançar com a candidatura.

No entanto, veja-se desde já que, se ocorrer, na participial sem DP argumental realizado, um marcador aspectual como *uma vez*, que obriga à interpretação perfectiva da participial, esta participial apresenta um comportamento, quanto à negação, semelhante ao de participiais com DP argumental realizado (veja-se a ausência de contraste entre 9 e 10).

- (9) \*Uma vez não revistos, os questionários não podem ser arquivados.
- (10) \*Uma vez não revistos os trabalhos, não foi possível avançar com a candidatura.

Marín Gálvez (1996) levanta ainda a questão do contraste entre as possibilidades de interpretação dos dois tipos de participiais. Assim, nota que, ao contrário das participiais com DP argumental realizado, as participiais sem DP argumental, verificadas certas condições, são potencialmente ambíguas entre uma interpretação perfectiva (a interpretação obrigatória do participípio absoluto, portanto, das participiais com DP realizado) e uma interpretação não perfectiva, durativa, em que a participial denota um tempo simultâneo ao que é denotado pela subordinante. Em (11) e (12) pode observar-se o contraste entre as possibilidades de interpretação dos dois tipos de participiais<sup>2</sup>.

- (11) Salteadas, as batatas começaram a secar.  
Int. 1 - Depois de salteadas, ... [eventiva, perfectiva]  
Int. 2 - Estando a ser salteadas, ... [eventiva, não perfectiva]
- (12) Salteadas as batatas, juntaram-se os espinafres.  
[interpretação perfectiva obrigatória]

Note-se agora que a ambiguidade identificada por Marín Gálvez, no que diz respeito à interpretação de participiais sem DP realizado, é uma ambiguidade

entre dois tipos de interpretação eventiva - uma interpretação eventiva será aquela que tomar a participial como referindo um evento independente daquele que é referido pela subordinante. No entanto, é possível identificar em (11) uma terceira possibilidade de interpretação - veja-se a Int. 3 em (13):

(13) Salteadas, as batatas começaram a secar.

Int. 1 - Depois de salteadas, ... [eventiva, perfectiva]

Int. 2 - Estando a ser salteadas, ... [eventiva, não perfectiva]

Int. 3 - Estando salteadas, ... [predicativa] = predicado secundário

Esta última interpretação não é eventiva (neste caso, a participial não refere um evento diferente daquele que é referido pela oração principal), assemelhando-se antes à interpretação típica de um predicado secundário. Na verdade, é a questão da eventividade que pode estabelecer a diferença entre a interpretação eventiva perfectiva e a interpretação predicativa de uma participial: em participiais perfectivas, o participio é interpretado como denotando o estado resultante de um evento, preservando a capacidade de ser associado a um evento independente daquele que é denotado pela subordinante<sup>3</sup>; em participiais predicativas, em que o participio é tomado como uma propriedade de uma entidade, o participio é interpretado como um estado, mas essa interpretação não inclui a memória de que se trata de um estado resultante de um evento.

Pode neste momento identificar-se um eventual problema para esta análise: a distinção entre as interpretações perfectiva e predicativa não é óbvia, na medida em que ambas correspondem à interpretação da participial como um estado. Uma resposta a este problema será avançada na próxima secção.

### 3. Argumentos empíricos a favor da distinção entre as leituras perfectiva e predicativa de participiais adjuntas sem DP realizado

Apesar de a distinção entre as leituras perfectiva e predicativa de participiais adjuntas sem DP realizado poder não parecer óbvia, há factos que a suportam.

Em primeiro lugar, note-se que a interpretação predicativa só é possível quando o estado resultante do evento denotado pelo participio puder ser interpretado como uma propriedade atribuível a uma entidade. A impossibilidade da Int. 3 em (14) dever-se-á assim precisamente ao facto de *assaltado* não aceitar facilmente a interpretação como propriedade de uma entidade.

(14) Assaltado, o Luís entrou em pânico.

Int. 1 - Depois de assaltado, ...

Int. 2 - Estando a ser assaltado, ...

Int. 3 - \*Estando assaltado, ...

É relevante verificar que, apesar de a interpretação predicativa de (14) se encontrar bloqueada, a interpretação perfectiva se mantém. O facto de a

condição de bloqueio de uma das interpretações não afectar a outra prova a independência das duas.

Outro dos argumentos que é possível aduzir a favor da distinção dos dois tipos de interpretação diz respeito aos efeitos provocados pela inclusão nas participiais de advérbios / expressões adverbiais temporais pontuais e não pontuais. Se se verificar a presença na participial de um advérbio pontual, a interpretação predicativa é bloqueada ou torna-se marginal:

(15) Maquilhada *no início da tarde*, a Maria conseguiu disfarçar o sinal no nariz.

Int. 1 - Depois de ter sido maquilhada no início da tarde, ...

Int. 2 - ??/\*Estando maquilhada no início da tarde,...

Se se verificar na participial a presença de uma expressão adverbial não pontual, a interpretação predicativa é a preferida:

(16) Maquilhada *desde que se levantou*, a Maria conseguiu disfarçar o sinal no nariz.

Int. 1 - ?? Depois de ter sido maquilhada desde que se levantou,...

Int. 2 - Estando maquilhada desde que se levantou, ...

É possível pensar que um advérbio pontual leva a focalizar um ponto de culminação, precisamente o ponto de culminação de que resulta o estado descrito pelo participio: se esse ponto de culminação é focalizado, a participial é claramente tomada como descrevendo um estado resultante e recebe por isso uma interpretação eventiva. Um advérbio não pontual (tipicamente durativo) tem o efeito contrário: a focalização da interpretação incide sobre o prolongamento do estado descrito pelo participio, esquecendo o ponto de culminação que precede esse estado e favorecendo, assim, a interpretação predicativa. Estes factos farão prever a estranheza de um enunciado como (17), em que um participio que bloqueia a interpretação predicativa co-ocorre com uma expressão adverbial durativa:

(17) ??Assaltado desde as três horas, o Luís entrou em pânico.

Finalmente, note-se que as participiais com leitura predicativa permitem clivagem, ao contrário do que acontece com as participiais que bloqueiam a leitura predicativa (cf. 18 e 19).

(18) \*Foi assaltado que o Luís entrou em pânico.

(19) Foi maquilhada que a Maria espirrou.

Além disso, quando uma participial é clivada, as leituras eventivas (perfectiva e durativa) são bloqueadas ou, pelo menos, tornam-se marginais – vejam-se as possibilidades de interpretação de (19).

(19) Foi maquilhada que a Maria espirrou.

Int. 1 - ??Foi depois de maquilhada que a Maria espirrou.

Int. 2 - ??Foi estando a ser maquilhada que a Maria espirrou.

Int. 3 - Foi estando maquilhada que a Maria espirrou.

Note-se agora que os predicados secundários permitem clivagem (cf. 20), ao contrário do que acontece com participiais adjuntas com DP realizado (cf. 21), em que a leitura perfectiva é obrigatória:

(20) Foi nua que a Maria não conseguiu disfarçar o excesso de gordura.

(21) \*Foi maquilhada a Maria que a esteticista foi almoçar.

Este tipo de factos sintácticos não só confirma a independência da leitura predicativa relativamente à leitura perfectiva como também aponta para que se considere que esta distinção em termos de interpretação tenha uma correspondência sintáctica. Na verdade, pode supor-se que o que bloqueia a ocorrência de participiais ou leituras eventivas (perfectivas e durativas) nestas estruturas é o estatuto sintáctico das participiais em causa. A ambiguidade semântica das participiais sem DP realizado teria portanto uma correspondência ao nível de uma ambiguidade sintáctica. Assim, e admitindo que a hipótese da ambiguidade sintáctica é a hipótese correcta, estar-se-á a assumir que a grande distinção em termos sintácticos se estabelece entre participiais eventivas, por um lado, e participiais não eventivas, por outro. Na secção seguinte argumentarei a favor da ambiguidade sintáctica das participiais sem DP realizado.

#### **4. Argumentos empíricos a favor da ambiguidade sintáctica de participiais adjuntas sem DP realizado**

Argumentar a favor da ambiguidade sintáctica de participiais sem DP realizado corresponderá a defender que a cada uma das leituras atribuíveis a uma dessas participiais corresponderá uma estrutura sintáctica. Tendo em conta o que foi observado a respeito das possibilidades de ocorrência destas participiais em clivadas, a discussão sobre a ambiguidade sintáctica terá ainda de considerar que a grande diferença sintáctica se verifica entre a leitura predicativa e as leituras eventivas.

Na verdade, além da possibilidade de ocorrência em clivadas, existem outros factos sintácticos que aproximam participiais com leitura predicativa de predicados secundários. Um desses factos diz respeito à forma como uma participial com leitura predicativa define a referência para a categoria vazia na posição de seu argumento interno.

Demonte (1988), Nakajima (1990) e Guéron & Hoekstra (1995) assumem, embora baseados em pressupostos diferentes<sup>1</sup>, dois factos básicos sobre a forma como se distribuem predicados secundários: (i) um predicado secundário orientado para o objecto tem de se encontrar no domínio de VP; (ii) um predicado secundário orientado para o sujeito tem de se encontrar no domínio de IP. Ou seja, um predicado secundário orientado para o objecto encontra o seu sujeito em VP; um predicado secundário orientado para o sujeito encontra o seu sujeito em IP. Os dados abaixo ilustram estes factos e explicam a agramaticalidade de (24).

(22) Furioso<sub>i</sub>, o João<sub>i</sub> encontrou a Maria.

(23) O João<sub>i</sub> encontrou a Maria furioso<sub>i</sub>.

(24) \*Furiosa<sub>i</sub>, o João encontrou a Maria<sub>i</sub>.

(25) O João encontrou a Maria<sub>i</sub> furiosa<sub>i</sub>.

Neste caso, se uma participial sem DP realizado for de facto passível de ser interpretada como predicado secundário e se a esta interpretação corresponder uma estrutura sintáctica equivalente, é possível encontrar uma explicação para a marginalidade de (27). Como esta participial é ambígua entre uma interpretação perfectiva e uma interpretação predicativa e na interpretação predicativa esta estrutura sintáctica não é possível, a frase torna-se marginal. Se a leitura for desambiguada, como em (28), a frase melhora em aceitabilidade<sup>5</sup>.

(26) Destruída cv<sub>i</sub>, a casa<sub>i</sub> é difícil de vender.

(27) \*???Destruída cv<sub>i</sub>, o João comprou a casa<sub>i</sub> ao Pedro.

(28) ?/o.k. Uma vez destruída cv<sub>i</sub>, o João comprou a casa<sub>i</sub> ao Pedro.

Continuando a estabelecer um paralelismo sintáctico entre participiais predicativas e predicados secundários, verifique-se que uma participial com leitura predicativa, tal como um predicado secundário, não permite que o seu sujeito seja identificado a partir do contexto. Já uma participial perfectiva é gramatical se o antecedente para a categoria vazia for estabelecido pelo contexto. Os dados abaixo ilustram-no:

(29) A Maria estava a discutir com uma amiga.

\*Furiosa, o João encontrou a Maria.

(30) O Pedro construiu esta casa em 1970, mas uma tempestade fê-la ruir.

a. \*/?Destruída, o João comprou a casa ao Pedro.

b. Uma vez destruída, o João comprou a casa ao Pedro.

A estranheza de (30a.) dever-se-á assim ao facto de esta participial ser potencialmente ambígua entre uma leitura predicativa e uma leitura eventiva, sendo que a estrutura sintáctica associada à leitura predicativa, nomeadamente, a categoria vazia nessa estrutura, não é legitimada nessas condições<sup>6</sup>. Já a participial em (30b), obrigatoriamente eventiva perfectiva, terá uma estrutura sintáctica passível de ser legitimada nas mesmas condições. Note-se ainda o contraste entre (30b) e (28). Parece ser preferível, no caso de uma participial perfectiva, que a referência da categoria vazia na sua posição de argumento interno seja estabelecida pelo contexto a que seja estabelecida por um argumento interno na subordinante.

Um outro facto relevante para o estabelecimento de um contraste sintáctico entre participiais eventivas e participiais predicativas diz respeito à relação entre a ordem relativa da subordinante e da participial e o seu comportamento sintáctico e semântico.

Na verdade, embora uma participial eventiva possa ocorrer à direita da subordinante, é mais natural que ocorra à sua esquerda, sendo esta a ordem típica

neste tipo de construções. Ao contrário, e ainda em termos de mera linearidade, um predicado secundário pode ocorrer à esquerda ou à direita do restante material oracional, sendo que apenas no último caso pode ser interpretado como orientado para o objecto directo. Além disso, identificam-se diferenças prosódicas claras entre os dois tipos de construção: à esquerda da subordinante, quer um participio absoluto quer um predicado secundário são seguidos de uma pausa marcada, que na ortografia é assinalada por uma vírgula; à direita da subordinante, um participio absoluto é obrigatoriamente precedido por uma pausa do mesmo tipo, enquanto um predicado secundário pode ou não ser precedido por esse tipo de pausa.

O que se torna interessante para os objectivos deste trabalho é que, enquanto uma participial sem DP realizado que preceda a subordinante pode ser ambígua entre uma leitura de predicado secundário e uma leitura eventiva, a mesma participial recebe preferencialmente uma leitura como predicado secundário se ocorrer à direita da subordinante.

(31) Os tanques puseram-se em fuga(,) estilhaçados.

Int. 1 - Os tanques puseram-se em fuga estando estilhaçados.  
[preferencial]

Int. 2 - Os tanques puseram-se em fuga depois de estilhaçados.  
[marginal]

(32) Estilhaçados, os tanques puseram-se em fuga.

Int. 1 - Depois de estilhaçados, os tanques puseram-se em fuga.  
[preferencial]

Int. 2 - Estando estilhaçados, os tanques puseram-se em fuga.

Esta influência da ordem relativa participial / subordinante na interpretação pode ser tomada como uma manifestação de uma tendência universal nas línguas que é informalmente referida por Comrie (1989: 94) como "a tendency to mirror temporal order of events by linear order". Estes efeitos são particularmente visíveis quando não há um qualquer conector que estabeleça a relação entre a subordinada e a subordinante, como acontece nas subordinadas participiais absolutas. No caso das participiais, os efeitos são, aliás, particularmente visíveis quando não existe um marcador temporal (uma expressão adverbial como *uma vez*, por exemplo) que introduza a participial: na ausência de uma pista lexical para a interpretação da sequência dos eventos, será a ordem relativa das orações que servirá de pista para essa interpretação. Se esse marcador estiver presente, a ordem relativa das orações será irrelevante, já que a participial deixará de ser ambígua.

Ora se estes efeitos são explicáveis em termos de ordenação de eventos e se os mesmos efeitos não afectam a posição de participiais predicativas (a leitura predicativa obtém-se quando a leitura perfectiva é tornada marginal pelos efeitos de ordenação de eventos), este facto acaba por ser um argumento suplementar

para dizer que a leitura de uma participial a que chamei predicativa não é uma leitura eventiva.

Finalmente, veja-se que uma análise deste tipo faz pelo menos duas predições claras. Em primeiro lugar, se é verdade que uma participial predicativa não autoriza que a sua referência seja fixada por um elemento exterior à subordinante e se é verdade que uma participial sem DP realizado que ocorra à direita da subordinante é tipicamente interpretada como predicativa, prevê-se que, num enunciado em que a referência só possa ser estabelecida pelo contexto, uma participial desse tipo seja agramatical nessa posição. Os dados confirmam-no:

- (33) Antes que recomeçasse a tempestade, o João decidiu esvaziar a casa.  
 a. ?Esvaziada, começou a trovejar.  
 b. \*Começou a trovejar(,) esvaziada.

Esta análise prediz ainda que uma participial que não possa ter uma leitura predicativa e que não seja introduzida por *uma vez* ocorre mais dificilmente em posição final de frase, posição típica de um predicado secundário. Mais uma vez, os dados trazem a confirmação:

- (34) \*O Luís entrou em pânico(,) assaltado.

### 5. Uma hipótese explicativa

Os contrastes sintácticos e semânticos analisados até este momento vieram confirmar as duas grandes hipóteses levantadas:

- nas participiais sem DP argumental realizado, a ambiguidade semântica corresponde a uma ambiguidade sintáctica;
- o grande contraste sintáctico verifica-se entre participiais / leituras eventivas (perfectivas ou não perfectivas), por um lado, e participiais / leituras não eventivas, por outro.

Os dados levam ainda a levantar hipóteses mais concretas sobre os contrastes sintácticos observados. Na verdade, o comportamento de uma participial que obtém leitura predicativa leva a crer que essa leitura da participial corresponde a uma estrutura sintáctica de um predicado secundário. Isto é, uma participial predicativa não será diferente, do ponto de vista sintáctico, de um predicado secundário.

Em trabalhos anteriores (veja-se Santos 1999a, b, c), defendo que um participio absoluto (que nesses trabalhos defino como uma participial adjunta com DP argumental realizado e leitura perfectiva) é uma projecção de Asp marcado como [+ perfectivo]. Esse nó Asp[+perf] seria, entre outras coisas, o nó responsável pela selecção do tipo de predicados que podem ocorrer num participio absoluto, mais precisamente, o responsável pela exclusão de estados lexicais da posição de núcleo dessas estruturas.

Ora, ao defender que as participiais têm uma estrutura sintáctica equivalente à de predicados secundários, estarei a assumir que estas participiais



diferem das restantes, entre outras coisas, por não serem uma projecção de Asp. Na verdade, a assumpção da ausência de Asp numa construção que não tem uma interpretação aspectual relevante (é o caso das participiais predicativas) é intuitiva. No entanto, a defesa da ausência de Asp numa participial predicativa encontra-se empiricamente justificada: tendo definido Asp como a projecção responsável pela selecção de um VP correspondente a um evento, é natural que daí resulte que Asp não projecte em participiais predicativas, já que o VP nestas participiais, não correspondendo a um evento independente, não satisfaz as exigências de subcategorização de Asp. Encontra-se assim explicado o facto de estados lexicais poderem ser núcleos de participiais sem DP realizado e não poderem ser núcleos de participiais em que esse DP não se encontre realizado: na verdade, o que acontece é que os estados lexicais só podem ser núcleos de participiais com leitura predicativa<sup>8</sup>. Veja-se que um enunciado como (35) obtém apenas uma leitura, o que decorre da própria natureza do estado lexical:

(35) Amada, a Maria sentiu-se feliz.

Int.1 - Sendo amada, ...

Int.2. - ??Estando a ser amada,...

Int.3 - ?? Depois de (ser) amada,...

Já no que diz respeito às participiais eventivas não perfectivas (as que obtêm uma leitura a que chamei *durativa*), não se verifica nenhum dos factos que justificaria a defesa da ausência de Asp: a leitura durativa é eventiva, pelo que é incompatível com a ocorrência na participial de um estado lexical (cf. leituras de 35); os efeitos sintácticos descritos na secção anterior obtêm-se apenas com leituras não eventivas.

Assim, as participiais eventivas (quer obtenham uma leitura perfectiva quer obtenham uma leitura durativa) têm um comportamento sintáctico semelhante ao de participiais com DP realizado (que têm interpretação perfectiva obrigatória). Assumo, em Santos (1999a), as estruturas em (36) e (37) como sendo as estruturas de participios absolutos, isto é, participiais com DP realizado e com interpretação perfectiva.

(36) Participio absoluto em línguas que não permitem sujeito nulo e em línguas de sujeito nulo que permitem variação de ordem de palavras por motivos discursivos (o português, em particular):

$$[_{ASPP} DP_j [_{ASP} ASP [_{AgrPstPrp} t_j [_{AgrPstPr} [_{AgrPstPr} V_i] [_{VP} t_j t_j]]]]]$$

(37) Participio absoluto em línguas de sujeito nulo<sup>9</sup>:

$$[_{ASPP} ASP [_{AgrPstPrp} [_{AgrPstPr} V_i] [_{VP} t_j DP]]]$$

Proponho então que as participiais sem DP argumental realizado e com leitura eventiva diferem de participios absolutos apenas pelos seguintes factos: (i) Asp ter um traço [perf] subespecificado; (ii) *pro* ocupar a posição de argumento interno da participial. Note-se ainda que proponho a ocorrência de *pro* e não de PRO nestas participiais, tendo em conta que a categoria vazia em causa pode

alternar com DP's lexicalmente realizados e que, portanto, podem ser legitimados nestas estruturas por um Caso diferente de Caso Nulo<sup>10</sup>.

#### 6. Uma extensão da análise: a relação entre a presença de *uma vez* e a ordem [DP participio]

Um outro facto que tem sido considerado pela literatura é o facto de a presença de um marcador aspectual (*une fois* em francês, *uma vez* em português) ser sentida por alguns falantes como preferencial nos participios absolutos com a ordem [DP participio] - vejam-se os dados abaixo:

- (38) ? / o.k. A cidade destruída, as tropas partiram.
- (39) \*La ville détruite, les ennemis sont partis.
- (40) Uma vez a cidade destruída, as tropas partiram.
- (41) Une fois la ville détruite, les ennemis sont partis.

Ambar (1992), que considera este facto na sua análise, associa a presença do marcador aspectual à criação de uma configuração sintáctica em que a subida do participio para C, que a autora defende dar origem à ordem [participio DP], não é necessária. Numa análise deste tipo, o contraste gerado pela presença / ausência do marcador aspectual encontra-se directamente relacionado com a assumpção de que o verbo sobe para C em participios absolutos. Em Santos (1999a, b e c) mostro não só que o participio não se move para C nestas participiais como também que C nem sequer é projectado (vejam-se as estruturas em 36 e 37 acima). Para validar uma análise como a que defendo, será necessário então encontrar uma outra explicação para estes contrastes.

Veja-se então que, se a participial seguir a subordinante, situação mais propícia, como se viu, à interpretação como predicado secundário deste tipo de participiais, o que acontece é que a presença / ausência de *uma vez* dá origem a um contraste de eventividade:

- (42) O João saiu de casa, a cara lavada e o cabelo perfumado.  
[Participial predicativa - Pred. secundário]
- (43) O João saiu de casa, uma vez a cara lavada e o cabelo perfumado.  
[Participial eventiva perfectiva]
- (44) Jean est sorti les mains lavées.  
[Participial predicativa - Pred. secundário]
- (45) Jean est sorti, une fois les mains lavées.  
[Participial eventiva perfectiva]

Na verdade, uma qualquer estrutura que se apresente linearmente como [DP participio] e que tenha o estatuto de adjunto é potencialmente ambígua entre uma interpretação como predicado secundário e uma interpretação como participio absoluto. A presença de um marcador aspectual desambigua a interpretação. A interpretação da subordinante e a ordem relativa participial /

subordinante podem ainda contribuir para desambiguar a leitura da participial, como se verifica pela observação dos dados abaixo:

- (46) ??As mãos lavadas, o João saiu de casa.  
 (47) Uma vez as mãos lavadas, o João saiu de casa.  
 (48) ?/o.k. A cidade destruída, as tropas partiram.

A participial em (46) é potencialmente ambígua, já que a relação entre a participial e o DP sujeito da subordinante é tal que é possível considerar a interpretação como predicado secundário (*as mãos lavadas* pode ser interpretado como uma propriedade do João); além disso, a ordem de constituintes na participial é aquela que é obrigatória nos predicados secundários (isto é, [particípio DP]) e menos frequente no particípio absoluto em português<sup>11</sup>. No entanto, a dificuldade em aceitar este tipo de construções em português e o facto de este potencial predicado secundário ocorrer na sua posição menos típica (precedendo a subordinante) tornam a construção marginal. (47) é gramatical na interpretação perfectiva, forçada por *uma vez*.

Já a participial em (48) é mais dificilmente ambígua, dificilmente podendo obter uma leitura de predicado secundário: *a cidade destruída* não pode ser tomado como uma propriedade das tropas. O contraste com o estatuto de (46) é evidente: a construção é assim aceite, mas como particípio absoluto.

Note-se agora que os predicados secundários com DP realizado são mais facilmente aceites em português ou em castelhano quando são constituídos por estruturas coordenadas ou quando são tornados constituintes mais pesados pela presença de advérbios - isso justifica que (49) e (50) abaixo sejam melhores do que (46). O mesmo justifica o contraste entre (51) e (52).

- (49) As mãos lavadas e o cabelo penteado, o João saiu de casa.  
 (50) As mãos bem lavadas, o João saiu de casa.  
 (51) El salió, las manos lavadas y el pelo hecho um asco.  
 (52) \* El salió, las manos lavadas.

Em francês, a ambiguidade é acentuada pela facilidade em aceitar predicados secundários deste tipo e pelo facto de a ordem de palavras nos predicados secundários e nos particípios absolutos ser exactamente a mesma ([DP V]). Assim, o marcador aspectual é sentido como quase obrigatório no particípio absoluto.

Um enunciado como (53) melhora, se o predicado ocupar uma posição atípica de um particípio absoluto, o que faz com que a ambiguidade seja desfeita (cf. 44 acima).

- (53) ?Les mains lavées, Jean est sorti.  
 (54) Une fois les mains lavées, Jean est sorti.  
 (55) ?La ville détruite, l'armée est partie.  
 (56) Une fois la ville détruite, l'armée est partie.

Portanto, e tendo em conta que a ordem [DP V] é a ordem típica de uma participial com DP realizado que funcione como predicado secundário, uma participial adjunta com esta ordem é potencialmente ambígua (semântica e sintacticamente). O marcador aspectual (*uma vez / une fois*) funcionará como desambiguador.

### Notas

\* Agradeço à Prof. Doutora Inês Duarte, orientadora deste trabalho, e à Prof<sup>a</sup> Doutora Fátima Oliveira todos os comentários e sugestões que fizeram.

1 Estes autores baseiam-se em critérios diferentes para estabelecer a exclusão das participiais sem DP argumental realizado do conjunto das construções de participio absoluto. A análise de Marín Gálvez (1996) é exclusivamente semântica; as análises de Hernanz (1991) e de Miguel (1992) fundamentam-se em factos semânticos e sintácticos.

2 Marín Gálvez (1996) distingue assim uma participial com DP realizado, a que chama ORA (Oracion Reducida Absoluta) aspectual, de uma participial sem DP argumental realizado, a que chama ORA predicativa. No entanto, este autor não utiliza o termo *predicativa* da forma como ele virá a ser usado no presente trabalho, isto é, significando a coincidência entre algumas destas construções e predicados secundários.

3 Assumo aqui a estrutura do evento adoptada em Moens & Steedman (1988) ou em Kamp & Reyle (1993). Estes autores assumem o evento como uma estrutura que compreende uma culminação, culminação essa à qual estão associados um processo preparatório / fase preparatória e um estado consequente / resultante. Quer Moens & Steedman (1988) quer Kamp & Reyle (1993) tomam o PERFEITO como um operador aspectual cujo efeito consiste em transformar um evento num estado resultante.

4 Demonte (1988) explica esta restrição em termos de uma exigência de c-comando mútuo (simétrico) entre o predicado e o DP ao qual esse predicado se encontra associado; Nakajima (1990) formula a mesma restrição em termos de m-comando mútuo (simétrico) entre o predicado e o DP ao qual este está associado.

5 Mas note-se que (28), que só pode receber uma interpretação perfectiva, tem ainda algum grau de marginalidade. Na verdade, e isso é algo que mostra a proximidade entre estruturas de participio absoluto e predicados secundários, há uma preferência, nas participiais perfectivas que precedem a subordinante, pela co-referência entre a categoria vazia na posição de argumento interno da participial e o sujeito da subordinante. Essa preferência não exclui, contudo, outras possibilidades, como é notado por Eliseu (1988) e ao contrário do que acontece com participiais predicativas e predicados secundários em geral. O facto de a presença / ausência do marcador aspectual *uma vez* ser irrelevante nos dados em (1) a (5) abaixo, ao contrário do que acontece nos dados apresentados em (26) a (28), no corpo do texto, pode dever-se precisamente ao facto de *destruída* poder ser mais facilmente interpretado como propriedade atribuível a uma entidade *c.* portanto, interpretável como predicado secundário, do que *chegada*, que o não pode ser. Por isso

mesmo, *destruída* pode funcionar como predicado secundário, enquanto *chegada* não pode.

(1) Uma vez chegada  $cv_i$  ao MIT, o orientador $_j$  aconselhou- $a_k$  a mudar de tema de tese. ( $i=k$ ) [Eliseu (1988:7-9)]

(2) Uma vez chegada  $cv_i$  ao MIT, o orientador $_j$  aconselhou a Maria $_i$  a mudar de tema de tese.

(3) Chegada  $cv_i$  ao MIT, o orientador $_j$  aconselhou- $a_i$  a mudar de tema de tese.

(4) Chegada  $cv_i$  ao MIT, o orientador $_j$  aconselhou a Maria $_i$  a mudar de tema de tese.

(5) Chegada  $cv$  a Londres, EXPL começou a tropejar. [Eliseu (1988:7-9)]

A preferência pela co-referência com o sujeito da subordinante nas participiais perfectivas não é, assim, paralelizável com o que acontece com predicados secundários.

6 Tenho vindo a assumir que existe uma categoria vazia num predicado secundário e que a referência dessa categoria vazia é estabelecida pelo elemento da oração ao qual o predicado secundário está associado. Esta não é, contudo, a única análise possível de predicados secundários nem é a única análise que admito. Para uma análise de outro tipo, veja-se Barbiers & Costa (1995).

7 É o que acontece em coordenadas que estabelecem, em termos de interpretação, uma relação temporal ou de causa e consequência entre os seus membros (cf. 1 e 2).

(1) Cheguei, vi e venci.

(1') ??/\*Venci, vi e cheguei.

(2) O menino apanhou frio e constipou-se.

(2') ??/\*O menino constipou-se e apanhou frio.

8 A leitura predicativa está disponível, como fui notando ao longo deste texto, em participiais sem DP argumental realizado, dentro de certas condições. Está ainda disponível em certas participiais com DP realizado em que a ordem de palavras é [DP participípio], como em (1). Crucialmente, esta leitura não está disponível em participiais com DP realizado em que a ordem de palavras é [participípio DP].

(1) Saiu de casa em fúria, os cabelos despenteados.

Para uma explicação mais pormenorizada, veja-se Santos (1999a).

9 Omite-se nestas estruturas a possibilidade de presença de um sintagma *por*. Esta possibilidade, bem como as derivações a que dá origem, encontra-se discutida em Santos (1999a).

10 Chomsky & Lasnik (1993) propõem que PRO seja legitimado por Caso nulo, Caso disponibilizado em domínios não finitos. Bošković (1997) assume que Caso nulo é legitimado pelo traço [+ tense] de I não finito. Ora a inexistência de T neste tipo de participiais (vejam-se as derivações em 36 e 37, no corpo do texto) seria um outro argumento para a ausência de PRO nestas construções, na posição de argumento interno.

11 Veja-se, a este respeito, Santos (1999a).

## Referências

AMBAR, M. M. (1992). *Para uma sintaxe da Inversão Sujeito - Verbo em Português*. Lisboa: Edições Colibri.

- BARBIERS, S. & J. COSTA (1995). Word order and VP adjuncts in Dutch and Portuguese. Ms.
- COMRIE, B. (1989). *Language Universals and Linguistic Typology*. 2ª edição. Oxford / Cambridge, Mass: Blackwell Publishers.
- DEMONTE, V. (1988). Remarks on secondary predicates: c-command, extraction and reanalysis. *The Linguistic Review*. 6. Dordrecht: Foris Publications.
- GUÉRON, J. & T. HOEKSTRA (1995). The temporal interpretation of predication. *Syntax and Semantics - Small Clauses*. 28.
- HERNANZ, M. L. (1991). Spanish absolute constructions and Aspect. *Catalan Working Papers in Linguistics (CWPL)*. Universitat Autònoma de Barcelona.
- KAMP, H. & U. REYLE (1993). *From Discourse to Logic*. Dordrecht / Boston / London: Kluwer Academic Publishers.
- MARÍN GÁLVEZ, R. (1996). *Las Propiedades Aspectuales de las Oraciones Reducidas Absolutas*. Universitat Autònoma de Barcelona.
- MARÍN, R. (1996) Aspectual Properties of Spanish Absolute Small Clauses. Ms.
- de MIGUEL, E. A. (1992). *El Aspecto en la Sintaxis del Español: Perfectividad e Impersonalidad*. Contebanco, Madrid: Ediciones de la Universidad Autónoma de Madrid
- MOENS, M. & M. STEEDMAN (1988). Temporal ontology and temporal reference. *Computational Linguistics*. 14.2.
- NAKAJIMA, H. (1990). Secondary predication. *The Linguistic Review*. 7: 275-309.
- OLIVEIRA, F. (1995). *Aspecto: Algumas Questões*. Cadernos de Semântica, 20. Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- OLIVEIRA, F. & A. LOPES (1995). Tense and aspect in Portuguese. In R. Thieroff (ed.) (1995). *Tense Systems in European Languages II*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag.
- SANTOS, A. L. (1999a). *O particípio absoluto em português e em outras línguas românicas*. Dissertação de Mestrado a apresentar à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.
- \_\_\_\_ (1999b). A ordem de palavras nas construções de particípio absoluto. In *Actas do XIV Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*. Volume II. Braga: APL.
- \_\_\_\_ (1999c). Word order in Romance Absolute Past Participle Constructions. Comunicação apresentada ao 29th Linguistic Symposium on Romance Languages. Abril, University of Michigan, Ann Arbor.